

SELVA ALMADA

Três adolescentes brutalmente assassinadas. Três mortes impunes.
Ao estilo de Truman Capote.

RAPARIGAS MORTAS

À memória de Andrea, María Luisa e Sarita

essa mulher, porque é que grita?

vá-se lá saber

olha que flores bonitas

porque é que grita?

jacintos margaridas

porquê?

porquê o quê?

porque é que grita essa mulher?

SUSANA THÉNON

1
∞



A manhã de 16 de novembro de 1986 estava limpa, sem uma nuvem, em Villa Elisa, a terra onde nasci e me criei, no centro-leste da província de Entre Ríos.

Era domingo e o meu pai fazia o churrasco nas tra-seiras da casa. Ainda não tínhamos churrasqueira, mas ele desenvencilhava-se bem com uma chapa no chão, as brasas por cima e, por cima das brasas, o grelhador. Nem mesmo com chuva o meu pai suspendia um churrasco: outra chapa a cobrir a carne e as brasas era suficiente.

Perto da grelha, acomodado entre os ramos da amoreira, um rádio portátil, a pilhas, sempre encravado na LT26 Radio Nuevo Mundo. Passavam canções folclóricas e de hora a hora um serviço de notícias, poucas. A época de incêndios ainda não tinha começado no parque nacional El Palmar, a uns cinquenta quilómetros, que ardia todos os verões, e fazia tocar as sirenes de todos os quartéis de bombeiros da região. Tirando algum acidente na

estrada, sempre um rapaz a sair de um baile, nos fins de semana pouco ou nada acontecia. Nessa tarde não havia futebol, pois, por causa do calor, o campeonato noturno já tinha começado.

Naquela madrugada, eu tinha acordado com o vendaval que fazia tremer o telhado da casa. Tinha-me esticado na cama e tocara numa coisa que me fez sentar de repente, com o coração na boca. O colchão estava húmido e umas formas babosas e mornas moveram-se contra as minhas pernas. Com a cabeça ainda meio tonta, demorei uns segundos a perceber a cena: a minha gata tinha parido outra vez aos pés da cama. À luz dos relâmpagos que entravam pela janela, vi-a enrolada, olhando para mim com os seus olhos amarelos. Pus-me num novelo, abraçando os joelhos, para não voltar a tocar neles.

Na cama ao lado, a minha irmã dormia. Os relâmpagos azuis iluminavam-lhe a cara, os olhos entreabertos, dormia sempre assim, como as lebres, o peito que baixava e subia, alheia à tempestade e à chuva que caía a rodos. A olhar para ela, também eu adormeci.

Quando acordei, só o meu pai é que estava levantado. A minha mãe e os meus irmãos continuavam a dormir. A gata e as suas crias não estavam na cama. Do nascimento só restava uma mancha amarelada com rebordos escuros numa ponta do lençol.

Saí para o pátio e contei ao meu pai que a gata tinha parido, mas que agora não a encontrava, nem a ela nem

aos seus filhotes. Estava sentado à sombra da amoreira, afastado da grelha, mas suficientemente perto para vigiar o churrasco. Tinha no chão o copo de aço inoxidável que ele usava sempre, com vinho e gelo. O copo transpirava.

Deve tê-los escondido na barraquita, disse ele.

Olhei nessa direção, mas não me decidi a ir averiguar. Na barraquita, uma cadela louca que nós tínhamos enterrado uma vez as suas crias. A uma arrancara-lhe a cabeça.

A copa da amoreira era um céu verde com as cintilações douradas do sol que se filtrava entre as folhas. Dali a algumas semanas estaria cheia de frutos, as moscas amontoar-se-iam a zumbir, aquele sítio encher-se-ia desse cheiro azedo e adocicado das amoras passadas, ninguém teria vontade de se sentar à sua sombra durante uns tempos. Mas naquela manhã estava muito bonita. Só era preciso ter cuidado com as lagartas verdes e brilhantes como grinaldas natalícias, que às vezes se desprendiam das folhas pelo seu próprio peso e, se tocavam na pele, queimavam com as suas picadelas ácidas.

Deram então a notícia pela rádio. Eu não estava a prestar atenção, no entanto, ouvi-a muito claramente.

Naquela mesma madrugada, em San José, uma terra a vinte quilómetros, tinham assassinado uma adolescente, na sua cama, enquanto dormia.

O meu pai e eu continuámos em silêncio.

Ali parada, vi como ele se levantava da cadeira e ajeitava as brasas com um ferro, as emparelhava, e lhes batia para partir as maiores, como a sua cara se cobria de gotinhas devido ao calor do fogo, a carne acabada de pôr chiava suavemente. Passou um vizinho e deu um grito. Ele virou a cabeça, ainda inclinado sobre a grelha, e levantou a mão livre. Já vou, gritou ele. E começou a desarmar com o mesmo ferro a cama de brasas, empurrou-as para uma ponta da chapa, mais perto de onde ardiam os troncos de algarobeira, deixou apenas umas quantas, calculando que chegariam para manter a grelha quente até ele regressar. Já vou era dar uma corrida até ao bar da esquina para beber uns copos. Calçou os chinelos que andavam perdidos na erva e, entretanto, foi vestindo a camisa que estivera pendurada num ramo da amoreira.

Se vires que se apaga, encosta-lhe mais umas brasas que eu já venho, disse-me ele, e saiu para a rua a chinelar rapidamente, como os miúdos que veem passar o homem dos gelados.

Sentei-me na sua cadeira e peguei no copo que ele tinha largado. O metal estava gelado. Havia um bocado de gelo a flutuar nas borras do vinho. Pesquei-o com dois dedos e comecei a chupá-lo. A princípio tinha um longínquo sabor a álcool, mas a seguir só a água.

Quando já só restava um bocadinho, fi-lo ranger entre os meus queixais. Apoiei a palma da mão na coxa que ultrapassava a borda dos calções. Sobressaltei-me

ao senti-la gelada. Como a mão de um morto, pensei. Embora nunca tivesse tocado em nenhum.

Eu tinha treze anos, e naquela manhã a notícia da rapariga morta chegou até mim como uma revelação. A minha casa, a casa de qualquer adolescente, não era o lugar mais seguro do mundo. Dentro da nossa casa podiam matar-nos. O horror podia viver sob o mesmo teto que nós.

Nos dias seguintes soube mais pormenores. A rapariga chamava-se Andrea Danne, tinha dezanove anos, era loura, linda, de olhos claros, namorava e estudava psicologia. Assassinaram-na com uma punhalada no coração.

Durante mais de vinte anos, Andrea esteve perto. Voltava de vez em quando com a notícia de outra mulher morta. Os nomes que, a conta-gotas, chegavam à primeira página dos jornais diários de circulação nacional iam-se somando: María Soledad Morales, Gladys Mc Donald, Elena Arreche, Adriana e Cecilia Barreda, Liliana Tallarico, Ana Fuschini, Sandra Reitier, Carolina Aló, Natalia Melman, Fabiana Gandiaga, María Marta García Belsunce, Marela Martínez, Paulina Lebbos, Nora Dalmasso, Rosana Galliano. Cada uma delas me fazia pensar em Andrea e no seu assassinio impune.

Num verão, quando passava uns dias no Chaco, no nordeste do país, reparei numa caixa de um diário local.

O título dizia: Vinte e cinco anos depois do crime de María Luisa Quevedo. Uma rapariga de quinze anos assassinada a 8 de dezembro de 1983, na cidade de Presidencia Roque Sáenz Peña. María Luisa tinha estado desaparecida durante uns dias e, por fim, o seu corpo violado e estrangulado tinha aparecido num baldio, nos arredores da cidade. Ninguém foi processado por este assassinio.

Dali a pouco tempo também soube da notícia de Sarita Mundín, uma rapariga de vinte anos, desaparecida em 12 de março de 1988, cujos restos apareceram a 29 de dezembro desse ano, nas margens do rio Tcalamochita, na cidade de Villa Nueva, na província de Córdoba. Outro caso por resolver.

Três adolescentes de província assassinadas nos anos oitenta, três mortes impunes ocorridas quando ainda, no nosso país, desconhecíamos o termo femicídio. Naquela manhã, eu também desconhecia o nome de María Luisa, que tinha sido assassinada dois anos antes, e o nome de Sarita Mundín, que ainda estava viva, alheia ao que lhe aconteceria dois anos depois.

Não sabia que uma mulher podia ser morta pelo simples facto de ser mulher, mas tinha ouvido histórias que, com o tempo, fui alinhavando. Episódios que não tinham terminado na morte da mulher, mas que a tinham tornado objeto de misoginia, de abuso, de desprezo.

Ouvira-as da boca da minha mãe. Sobretudo uma tinha-me ficado gravada. Aconteceu quando a minha mãe era

muito novinha. Não se lembrava do nome da rapariga porque não a conhecia. Mas sim que era uma rapariga que vivia em La Clarita, um bairro perto de Villa Elisa. Estava para casar, e uma modista da minha terra estava a fazer-lhe o vestido de noiva. Tinha vindo tirar as medidas e fazer algumas provas sempre acompanhada pela mãe, no carro da família. À última prova foi sozinha, ninguém podia levá-la e por isso apanhou um autocarro. Não estava habituada a andar sozinha, confundiu a direção e quando se quis lembrar estava a ir pelo caminho que vai dar ao cemitério. Um caminho que a certas horas se tornava solitário. Quando viu um carro aproximar-se, pensou que o melhor era perguntar antes de continuar a dar voltas, perdida. Dentro do veículo iam quatro homens e levaram-na. Esteve vários dias sequestrada, nua, atada e amordaçada num lugar que parecia abandonado. Só lhe davam de comer e de beber para a manterem viva. Violavam-na de cada vez que lhes apetecia. A rapariga só esperava morrer. As únicas coisas que podia ver por uma pequena janela era céu e campo. Uma noite, ouviu que os homens se iam embora no carro. Ganhou coragem, conseguiu desatar-se e fugir pela janela. Correu pelos campos até que encontrou uma casa habitada. Auxiliaram-na ali. Nunca conseguiu reconhecer o sítio onde a mantiveram cativa nem os seus capttores. Uns meses depois casou com o seu noivo.

Outra das histórias tinha acontecido há pouco, uns dois ou três anos antes.

Três rapazes foram a um baile num sábado. Um estava apaixonado por uma rapariga, filha de uma família tradicional de Villa Elisa. Ela correspondia e não correspondia. Ele procurava-a, ela deixava-se encontrar e depois esgueirava-se. Este joguinho de gato e rato já durava há vários meses. A noite do baile não foi diferente de outras. Dançaram, beberam uns copos, falaram de parvoíces e ela voltou a dar-lhe para trás. Ele procurou consolo no bar onde os seus dois amigos já estavam há um bocado a virar o fundo ao copo. Foi deles a ideia. Porque é que não a esperavam à saída do baile e lhe davam uma ensinadela. O apaixonado ficou logo sóbrio quando os ouviu. Que estavam loucos, que merda era aquela que estavam a dizer, que o melhor era ir dormir. Coisa de bêbados.

Mas eles falavam a sério. Era preciso ensinar aquela aquece-braguilhas. Eles também se foram embora antes. E esperaram por ela num terreno baldio, ao lado da sua casa. Sim ou sim, a rapariga tinha de passar por ali.

Ela saiu do baile com uma amiga. Viviam a um quarteirão de distância uma da outra. A amiga foi a primeira a chegar, ela continuou, tranquila, o mesmo caminho de todas as noites de baile, numa povoação onde nunca acontecia nada. Intercetaram-na na escuridão, bateram-lhe, penetraram-na os dois, cada um por sua vez, várias vezes. E quando até as vergas se fartaram, continuaram a violá-la com uma garrafa.